

(Con)fronto

JOSÉ MARIA DE SOUZA DANTAS
Diretor do Departamento de Letras da SUAM
para a Zara, minha mãe.

POEMA DO NADADOR

Jorge de Lima

*A água é falsa, a água é boa.
Nada, nadador!
A água é mansa, a água é doída,
aqui é fria, ali é morna,
a água é fêmea.*

*Nada, nadador!
A água sobe, a água desce,
a água é mansa, a água é doída.
Nada, nadador!
A água te lambe, a água te abraça
a água te leva, a água te mata.
Nada, nadador!
Senão, que restará de ti, nadador?
Nada, nadador!*

O poema apresenta dois movimentos em que reúne os sememas nadador e água, articulando a isotopia fundamental, que é ambigüidade x unicidade.

O primeiro movimento, que vai até o antepenúltimo verso, propõe a ambigüidade da água em relação à inutilidade da ação do nadador.

O segundo movimento, introduzido por uma interrogação, mostra a opção (nenhuma) que tem o nadador.

Assim se estrutura o sistema de relações do poema:

(“lambe”) como afaga (“abraça”), tanto conduz (“leva”), como aniquila, interrompe (“mata”).

Cabe ao homem (“nadador”) insistir, lutar contra as adversidades e contra a instabilidade da vida à qual ele pertence e da qual é parte integrante (“nada, nadador”).

Contudo, mesmo que o homem lute (nade) de nada adiantará, porque a sua luta será sempre em vão. Para enfrentar a vida, o homem deve continuar lutando, insistindo.

Na verdade, nadar é o próprio nada, refletindo a inutilidade de tudo.

O Poema do Nadador, que encerra o volume de **Poemas Escolhidos**, segue uma das temáticas constantes da literatura modernista, problematizando a existência nos seus dois pólos estruturadores: o homem e a vida.

O homem como ser e a vida como existência são questionados numa visão realista, que aponta para a inutilidade dessa mesma existência.

A vida se apresenta como um sistema dominador, cheio de altos e baixos, cuja manifestação anula o homem na sua tentativa de viver.

A ele só cabe o direito de tentar viver, de procurar, lutar, mesmo que essa luta seja inútil.